

Diversão & Arte

ARTISTAS DO CINEMA TÊM OBTIDO CRESCENTE ACLAMAÇÃO, SEJAM NA POPULARIDADE EM HOLLYWOOD

O talento DOS
NEGROS
É RECONHECIDO

O reconhecimento honorário do Oscar para Mel Brooks e Angela Bassett, estrela de décadas em Hollywood

Robyn BECK / AFP



Colman Domingo: versatilidade em cena

Reuters

» RICARDO DAEHN

Num crescente, talentosos artistas negros têm obtido o sucesso, a exemplo do duplamente premiado com o Oscar Mahershala Ali (*Green book: O guia* e *Moonlight: sob a luz do luar*) e Viola Davis que, numa escalada de 15 anos, cravou interpretações fortes em *A mulher rei* (2022) e *A voz suprema do blues* (2020). Nesse último longa, Viola justamente personifica a potência da cantora Ma Rainey, presente no fundo da trama do recém-estreado musical *A cor púrpura*, baseado na obra da engajada Alice Walker, que, para além do protagonismo de Fantasia Barrino, acolhe talentos de outros dois artistas negros protagonistas do Oscar 2024: o versátil Colman Domingo, 54 anos, e a talentosa intérprete Danielle Brooks, 34.

Em *A cor púrpura*, até pela indicação ao Oscar central, por *Rustin* (elemento fundamental à diluição do racismo e da homofobia, nos anos de 1960) — dá vida a Mister, abusivo patrão e marido de Celie, sempre ameaçada por feminicídio. Já Sofia (Danielle, também candidata ao Oscar), que vai de presença luminosa à alma perturbada, encerra um recado de feminismo e de basta ao racismo.

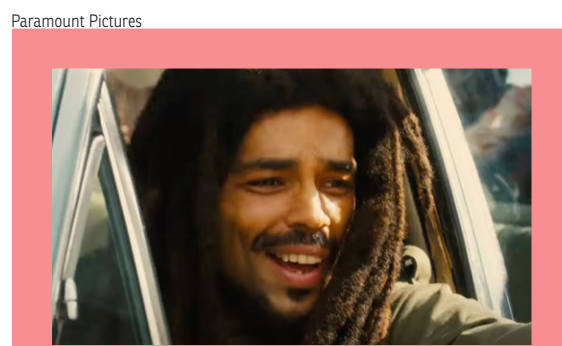
Nessa linha de referência, empoderada, a vencedora do Globo de Ouro Da Vine Joy Randolph (de *Os rejeitados*), aos 37 anos, deixou o recado, no palco prévio à futura empreitada de conquista do Oscar (a ser apresentado em 10 de março): "A personagem me fez ser vista de modo que nunca imaginei". Negra e obesa, a personagem de Joy Randolph faz par com outra caracterização valorizada pelo Oscar: a de Sterling K. Brown (em *Ficção americana*). Na tela, o astro da série *This is us* e do filme *Pantera Negra*, é Cliff, o irmão do protagonista, que cai na esbômia, depois de encerrar um casamento. Confira abaixo o reconhecimento de outros artistas negros.

Constante versatilidade

Nada menos do que a presidência do júri de um dos mais badalados eventos de cinema, o Festival de Berlim, está na pista de desafios da atriz Lupita Nyong'o (há uma década, vencedora do Oscar de atriz coadjuvante, por *12 anos de escravidão*). "Reconhecer, e celebrar" o



A cor púrpura: a acolhedora Sofia vem na interpretação de Danielle Brooks



Cena de Bob Marley: one love

melhor do cinema do evento mundial é a meta da quarentona atriz de origens queniana e mexicana. Ex-estudante da Yale School of Drama, Lupita, que já integrou a franquia *Star Wars*, despontou por produzir, dirigir e escrever o curta *In my genes* (2009), documentário que acompanhava a discriminação a albinos em país africano. Sempre lembrada pelo papel da guerreira de *Pantera Negra*, Nakia, e pelos papéis em *Nós* (2019) e *Rainha de Katwe* (2016), em torno de uma enxadrista ugandense, Lupita ainda é conhecida como autora do livro infantil de êxito *Sulwe*, que trata dos temas do autocohecimento e do reconhecimento da beleza. Com lugar assegurado no longa de alienígenas *Um lugar silencioso: dia um*, que estreia em junho, ela ainda produziu recentemente o drama sudanês *Goodbye Julia*, assinado pelo diretor Mohamed Kordofani.

Atento e forte

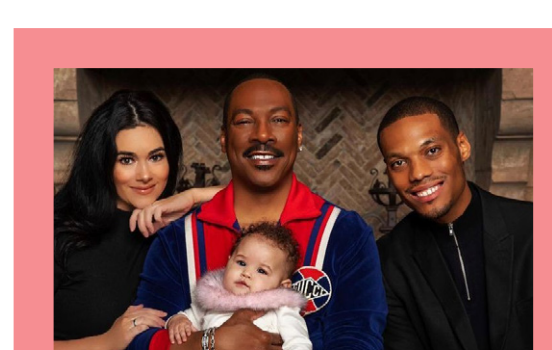
Pelo conteúdo da sátira social de *Ficção americana*, o filme que lhe rendeu, este ano, a primeira indicação ao Oscar de melhor ator, o ator Jeffrey Wright pode rir da desventura com a experiência em enfrentar, ao longo da vida, situações de preconceito. Na pele do escritor Thelounius Monk Ellison (de *Ficção americana*), Wright, que

YouTube

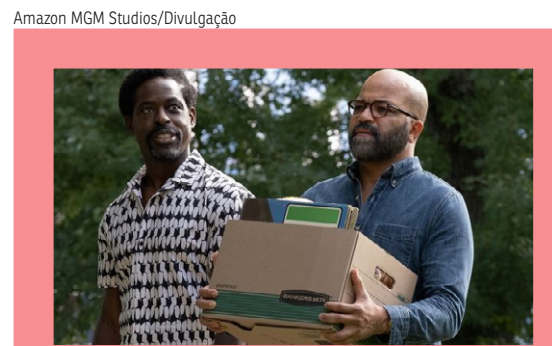


Lupita Nyong'o: origens no México e Quênia

no cinema viveu ainda o contestador *Jean-Michel Basquiat — Traços de uma vida* (1996), já revelou ter compactuado identidade, uma vez que, na vida real, é formado em ciência política. Monk é um intelectual que, pelas obras de peso, se vê fora do radar mainstream, até ceder à escrita de personagens negros estereotipados. Ex-marido da também engajada artista inglesa Carmen Ejogo (*Selma: Uma luta pela igualdade*), nos palcos da Broadway, o ator, hoje com 58 anos, já fez história, tendo vencido um prêmio Tony, ao dar vida a uma enfermeira soropositiva, em *Angels in America*. No streaming

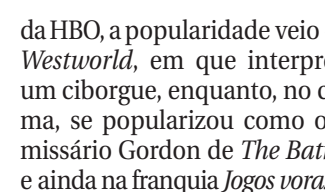


Eddie Murphy (ao centro) com a neta Evie Isla Murphy



Ficção americana: os indicados ao Oscar Jeffrey Wright e Sterling K. Brown

Amazon MGM Studios/Divulgação



Reconhecimento à carreira

"Lembrem-se de quem vocês são e de quem nossos ancestrais pretendiam que vocês fossem", sublinhou a atriz Angela Bassett, quando da recente homenagem com o Oscar honorário pela carreira. Associando a profissão de atriz a um chamamento, para "fazer a diferença e criar impacto", aos 65 anos, Bassett celebrou o percurso de Hattie McDaniel (a atriz negra vencedora do Oscar por *...E o vento levou*) e ainda a colega Cicely Tyson, que quebrou barreiras, no reconhecimento pela participação em *Souther — Lágrimas de esperança*. Nunca recuar e imprimir determinação favoreceram a inspiração da luta de Bassett, no retrato de personagens como a costureira e atuante membro da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor Rosa Parks, o ícone da música Tina Turner e a escritora e ativista Coretta Scott King, viúva de Martin Luther King, sem esquecer a rainha Ramonda (à frente da primeira personagem de um filme da Marvel a render indicação ao Oscar).

Desafio estelar

Ainda sem saber dançar, cantar ou tocar violão, o ator central de *Bob Marley — One love*, Kingsley Ben-Adir, 37 anos, aceitou, com medo, assumir a versão em cinema para a lenda, no filme com produção executiva de Brad Pitt. "Marley era muito gentil e amoroso e, um tipo tão popular e engraçado", comentou o Kingsley, o Malcolm X do filme *Uma noite em Miami* (2020), para a rede de tevê CBS, ao contar do propósito de não ter copiado o cantor e compositor jamaicano do qual buscou captar a essência e o espírito. Com 20 quilos a menos do habitual, para realizar o teste para o personagem, o ator derrubou ressalvas sobre a futura personificação, aos olhos de Ziggy Marley, um dos produtores do longa, que sempre teve o pai "como um gigante".

Retorno triunfal

Foram quase seis anos sem atuar, até que — hoje, aos 62 anos — Eddie Murphy retornasse à profissão. "Eu fazia porcarrias de filmes", confirmou aquele que, em 2010, foi considerado o pior ator da década, vencendo um Framboesa de Ouro. O trampolim para o regresso veio via streaming: ao interpretar Rudy Ray Moore, no cômico *Meu nome é Dolemite* (2019), alcançou a redenção, destacado para competição ao Globo de Ouro. Hoje, depois de estrelar o primeiro filme centrado no Natal de toda a carreira (*Candy Cane Lane*, da Prime video), Murphy verá pela Netflix, em 3 de julho, a ressurreição de seu sucesso à frente do detetive Axel Foley, que retorna a Beverly Hills, em *Um tira da pesada 4* para ajudar a ameaçada filha vivida por Taylour Paige.

No cenário de bonança, com *Coming 2 America* (criado a partir de *Um príncipe em Nova York*, de 1988), Murphy estabeleceu recordes de visualizações no Amazon Prime. Possivelmente, 30 anos depois do terceiro *Um Tira da Pesada*, na parceria com talentos como Joseph Gordon-Levitt, Paul Reiser e Judge Reinhold, além de um quinto filme para a franquia, o eterno comediante viverá ícone e precursor do funk George Clinton. Com direito à estrela na Calçada da Fama, e vencedor de Grammy, o membro do Parlamento-Funkadelic serviu de inspiração para criadores como Tupac Shakur, Snoop Dogg e Ice Cube.